

# Elizabeth Fiuza Aragão\*

## Os sentidos do trabalho para os jovens universitários

**RESUMO:** Objetiva-se neste artigo discutir os sentidos e os significados que o trabalho assume no mundo globalizado, de intensas mudanças tecnológicas, da rapidez informacional erodindo e formatando novos padrões de trabalho e emprego, tendo como foco o lugar e a importância atribuídos por jovens universitários ao trabalho. Para tal, faz-se um passeio pela literatura à luz dos autores que vislumbram os aspectos nefastos oriundos da falta de emprego/trabalho para os jovens, de um lado: e de outros que caminham na defesa do relaxamento da cultura do trabalho apregoado pela modernidade e da diminuição das pressões para se ter sucesso. Faz-se uma distinção entre o que é “ser jovem” e “ser jovem universitário” para depois adentrar na análise empírica das representações do trabalho a partir dos seguintes eixos temáticos: conceitos de trabalho, lugar do trabalho na projeção de vida; trabalho e lazer; trabalho e remuneração; perspectivas profissionais. A pesquisa realizada junto aos alunos da Universidade Federal do Ceará aponta como prementes o desejo de o jovem realizar-se profissionalmente via emprego público e privado e de obtenção da estabilidade nos planos financeiros, familiar e na fidelidade aos amigos, contrariando ao que se afirma ser valores da sociedade pós-moderna, contemporânea, ou seja, a efemeridade e o descompromisso.

**Palavras-chave:**  
Sentidos do trabalho. Jovens. Futuro profissional.

## I ntrodução

Pretendemos aqui discutir aspectos relacionados aos sentidos do trabalho para os jovens universitários, partindo do pressuposto que é sobre o segmento juvenil que as modificações, oriundas da revolução tecnológica e o intenso processo de globalização geram um cenário de maiores incertezas quanto às formas de inserção no mercado de trabalho.

Ao admitir-se que o trabalho na contemporaneidade está cumprindo cada vez menos o papel de estabilidade e de segurança na vida das pessoas, notadamente a partir da década de 90 do século XX, formulamos as seguintes

questões: qual é o sentido e o significado que o trabalho assume na contemporaneidade? Qual é o lugar e a importância do trabalho para os jovens universitários, para quem a atual conjuntura projeta uma vida com menos empregos ou com trabalhos parciais?

A literatura é vasta e contempla pontos de vista diferentes. Alguns autores apontam conseqüências nefastas da “falta de trabalho” para os jovens, alertando para caminhos bloqueados (Shaff, 1985), falta de esperança no futuro (Dintignano, 1999), desmoroamento da “sociedade salarial” (Castel, 1998), exclusão social relacionada a perda de oportunidades de emprego ( Rifkin, 1996, Forrestier, 1997).

Outros, a exemplo Phal (1995) estuda os efeitos da dedicação exacerbada de gerações passadas ao trabalho com a obrigatoriedade de ter sucesso, e comenta suposição de que o jovem da contemporaneidade não venha a ter o mesmo compromisso com a ética do trabalho como seus pais a tiveram, o que significa dizer, que ele não está tão preso a tensões e dilemas (oriundos das questões econômicas – trabalhar para ter sucesso, ser reconhecido, não perder o emprego). Tem, no entanto, o cuidado de ressaltar que jovens bacharéis podem assumir uma atitude mais descomprometida com mudanças constantes de emprego, com a interinidade de trabalho, o que certamente não ocorre com os jovens de classes menos favorecidas que labutam pela sobrevivência e se sentem mais pressionados para entrar no mercado de trabalho para terem independência, inclusive de habitação. (p.42)

Arendt ( 1998) desenvolve a mesma linha de raciocínio, ao mostrar que o jovem, peça importante da sociedade de consumo, relaciona tempo livre ao consumo diferentemente de seus pais para quem o trabalho, a fadiga constituem o eixo de identificação do ser humano. Daí a validade da pergunta: até que ponto o jovem pós-moderno descarta ou subestima a ética do trabalho – pilar da modernidade abraçada pelas gerações mais velhas - para dar relevo ao lazer, ao ócio e ao tempo livre?

Para debater as indagações aqui formuladas fazemos uso de dados da pesquisa: **Tempo de Trabalhar: os descaminhos de Jovens universitários rumo ao mercado de trabalho**<sup>1</sup> realizada junto aos jovens da Universidade Federal do Ceará, tendo ainda como entrevistados adultos representando diferentes segmentos da sociedade fortalezense, com o intuito de comparar as representações sobre trabalho de duas gerações.

<sup>1</sup> Dados recolhidos da tese de Doutorado de ARAGÃO, Elizabeth Fiuza ( 2005), para a qual utilizou-se como universo amostral alunos dos seguintes cursos: Ciências Sociais, Publicidade e Propaganda, Economia, Administração, Engenharia Civil, Biologia, Medicina, Agronomia, a partir da técnica de abordagem grupo focal e entrevistas de aprofundamento. Foram ouvidos, também, via entrevista estruturada : 12 (doze) adultos representantes diferentes “mundos”. Entre eles: 4(quatro) relacionados ao segmento empresarial, 3(três) professores, 4(três) técnicos da área do trabalho, 1(um) representante parlamentar da Assembléia Legislativa do Estado.

## Afinamento Conceitual – ser jovem e ser jovem universitário.

Antes de adentrar na discussão empírica, convém, para fins de elucidação, definir o que se entende aqui por juventude e por juventude universitária.

### o jovem

A categoria social juventude surge com a era moderna para designar o intervalo entre a infância e a vida adulta, assumindo contornos diversos, sentidos e ressignificações constantes de modo que no início do século XVIII não houve uma demarcação nítida entre infância e adolescência.

Para Schindler (1996) a obrigatoriedade da escolaridade até os 14 anos no começo do século XIX, na Europa, contando com a fase de entrada à conclusão dos estudos, e o ingresso no mundo do trabalho, determinava os limites da fase juvenil.

Completando o pensamento de Schindler (1996), Bergua (1999)<sup>2</sup> comenta que a sociologia tradicional define a juventude na atualidade como o coletivo de certa idade, que ainda não adquiriu a condição de adulto. A condição para chegar à idade adulta dá-se através da assunção de quatro responsabilidades: produtiva (adoção de um status ocupacional, laboral ou profissional estável), conjugal (adquirir um par sexual estável), doméstica (vir a ter um domicílio estável e autônomo) e de parentesco (atingir uma prole dependente).

A crítica que Bergua (1999) faz à definição da sociologia tradicional é que as responsabilidades conjugais, domésticas e de parentesco dependem exclusivamente da responsabilidade produtiva que tem sido retardada na atual conjuntura em função das metamorfoses do mundo do trabalho.

Então como definir o jovem?

Apoiando-nos novamente em Bergua (1999), a faixa etária à produção social da juventude está entre os 15 ou 16 anos até os 29 anos, faixa mais ampla que a adotada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) que divide a juventude em duas fases: a da adolescência, que vai dos 15 aos 19 anos, e a da juventude, que vai de 20 aos 24 anos.

Uma outra forma de definir a juventude diz respeito às suas peculiaridades comportamentais que, segundo a óptica dos estudiosos, variam em função do gosto pela diversão, pela vida em grupo, pela negação da família, pela negação da ética do trabalho, os dois últimos valores associados à vida adulta.

<sup>2</sup> O jovem na sociologia tradicional segundo BERGUA (1999) é um construto de GARRIDO, L. Notas sobre adolescencia y sociedad". **Revista de Estudios de Juventude**, n.4, Madrid: Instituto de la Juventud, (1980); CALVO. La tendencia futura des paro y la fecundidad. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n 3, Madrid: CIS, 1985; ZÁRRAGA, J.L DE. **Informe Juventud em Espana**. Madrid: Instituto de la Juventude, 1985.

Talvez por se tornar um signo da modernidade é que a juventude passa cada vez mais a ser abordada como uma fase crítica, vulnerável, marcada pela fluidez quanto à dimensão do tempo e pelo deslocamento quando à noção de espaço.

Na medida em que a transição é o problema maior dessa fase da vida dos homens e das mulheres, a ela é atribuída uma pluralidade conceitual que denota a insegurança de se definir uma vivência recheada de ambivalência.

Reportamo-nos agora a Diógenes (1998) com a intenção de entender o imaginário sobre a juventude no século XX. Este se move a partir de dois pólos: esperança, renovação social e idéia de risco, de um lado; e de ameaça, de outro, de forma que as análises se realizam separadamente, ora ressaltando um pólo ou o outro.

Contemplando as décadas de 1960, 1970, 1980, Diógenes (1998) vai mostrando as principais teorizações acerca da temática “Juventude”.

Assim, até 1960, a juventude é vislumbrada sob o enfoque dominante da escola de Chicago, cujo eixo de estudo é o desvio social. Nas décadas de 1960/70, os movimentos da contracultura como negação da sociedade de consumo, e dos movimentos políticos, conforme os de maio de 1968, levaram a um consenso analítico em torno dos jovens como um segmento capaz de provocar acontecimentos, correr riscos, vindo a tornar-se verdadeira alavanca para uma crítica social mais ampla.

Apesar de o aspecto da contracultura à sociedade industrial e de consumo em massa ser um elemento simbólico contumaz nas teorias, não é o único. Segundo as informações colhidas por Diógenes, há estudos como os de (MATZA apud DIÓGENES,1998) que põem relevo em aspectos não convencionais da juventude atrelados ao radicalismo estudantil: a visão apocalíptica, o populismo e o evangelismo, vindo, dessa forma, des-idealizar a natureza das ações inovadoras da juventude. Outros estudos, como os de (ERICKSON apud DIÓGENES,1998), enveredam pelos distúrbios causados pelos jovens. Num caso quanto no outro, conclui Diógenes, o referente da juventude é o da rebeldia.

Nos anos 70, a rebeldia passa a ser substituída por outro referente, a alienação, na medida em que a contracultura perde sua força e vigor e os jovens não mais se mostram preocupados em transformar o mundo.

Ao longo dos anos 70 e 80 eclodem novos estilos de “ser jovem” em torno de movimentos culturais como música, lazer, consumo, especialmente o de produtos atrelados aos jovens. Nos anos 80, outrossim, no Brasil, a juventude

teve importante papel nos movimentos de ampliação das lutas sindicais, na mobilização no campo do consumo coletivo, nas experiências de construção da cidadania e, ainda, nos movimentos culturais.

O “pluralismo”, que é a marca maior dessa geração cunhada por Heller de pós-moderna, e que se inicia na década de 80, permite todo o tipo de rebelião e não se prende a uma causa coletiva única que a mobilize. Tal fato é responsável, na visão de alguns adultos, pelas atitudes de alienação e sentimentos egoístas que os jovens da atualidade parecem carregar.

A nova juventude, que parece unificar-se plenamente na sociedade de consumo, vem sendo protagonista por excelência dos espetáculos urbanos, da estética das imagens, de uma forma de ser moderno, cosmopolita, que incorpora ainda o *status* social atribuído não ao ganho ou à riqueza acumulada, mas à capacidade de consumir produtos fabricados, criados, idealizados para o público jovem, de tal sorte que “consumir é uma forma de existir e de ser notado na esfera pública iluminada” (DIÓGENES, 1998, p. 101).

## O jovem universitário e o mercado de trabalho

Para tal, devemos explicitar qual é o segmento jovem a ser abordado, considerando-se que, ao se falar de jovem, há que se levar em conta a diversidade social, estrutural e econômica que a categoria envolve.

O jovem universitário está saindo da fase *teen* e chegando mais próximo à vida adulta. Se vai à universidade é porque entende que o período de estudo da universidade trará um diferencial que o tornará mais apto a conseguir um lugar no mercado de trabalho. Esta, todavia, é uma questão que está implícita no próprio estado de artes, embora na prática nem sempre assim se concretize.

Uma das características do jovem aqui apontadas é o da rebeldia, visível tanto nos movimentos de contracultura quanto em aspectos simplesmente desviantes. Se o jovem da atualidade não é mais tão rebelde a ponto de querer mudar o mundo, mas, ao contrário, ele se enquadra à ordem constituída representando o segmento que mais consome bens simbólicos produzidos e reproduzidos pela cultura de massas, esta sua forma de ser e poder ser não constitui o seu diferencial?

E o jovem universitário que se prepara para ingressar no mercado de trabalho pode trilhar o seu próprio caminho ou simplesmente é compelido a trilhar o caminho dos outros, que é dos adultos, do mercado? Como experimenta o diferente?

Ao aliar jovem e trabalho na era da revolução tecnologia e do processo de globalização queremos trazer a discussão em torno das perspectivas que se colocam para o jovem universitário em termos de inserção no mercado de trabalho, enfatizando sobremaneira o olhar deste jovem.

O número de postos fixos de trabalho diminui, atingindo não somente os trabalhadores desqualificados, mas os que têm educação superior. O diploma universitário certamente garantia emprego para a realidade de 20 anos atrás, mas atualmente não representa passaporte seguro para a entrada no mercado de trabalho. É bem verdade que no *rank* das ofertas e demandas quem tem nível superior encontra-se em “vantagem comparativa”, muito embora entre os graduados entrevistados 50% tivessem migrado para ocupações diversas de sua área de formação.

Enquanto isso, os discursos que se reproduzem nos meios de comunicação e nos escritórios de Recursos Humanos colocam: “os empregos não mais existem, as saídas são: o empreendedorismo, o trabalho autônomo, o trabalho temporário, sobrevivendo neste contexto”, os mais fortes, os mais capazes, os mais qualificados”, gerando sentimento de que “tudo depende exclusivamente de você”, “da sua garra”, “determinação” e muito “estudo”. O desemprego que é gerado pela sociedade pune com angústias e tristezas as pessoas que passam a nutrir a sensação de “fracasso total”. Fechadas no casulo do individualismo, não conseguem enxergar que, além de ser um problema pessoal, a ausência de emprego constitui um problema social, econômico e político.

Nunca se deu tanta ênfase à formação escolar como meio para se obter um lugar no concorrido e competitivo mercado de trabalho. As escolas e as universidades, notadamente as privadas, apregoam o ideário de que a educação é o caminho do emprego, do sucesso, da certeza no futuro, garantia para os que estiverem mais bem capacitados intelectual, cultural e emocionalmente.

Concordamos com Bock (2000) quando afirma que o argumento acima anunciado tem um forte apelo ideológico que acaba justificando a educação como necessária, mas enfatizando a questão em termos individuais e não de todos. Em outras palavras, o número de empregos já é reduzido e tende a diminuir. Sendo assim, até que ponto as pessoas com nível superior obterão acesso aos postos de trabalho? Trata-se de uma simples questão de matemática: o aumento dos níveis de escolaridade não é proporcional às ofertas de trabalho, de onde se conclui que a disputa se dará entre os melhores do conjunto dos excelentes. Nesse contexto, entende-se por que os “novos excluídos” são os formados e graduados que se distanciam do perfil de excelência.

Ainda não basta a pessoa estudar muito (e neste caso não estamos aqui negando o diferencial produzido pelos que estudam muito em relação aos que não estudam ou estudam pouco), se na sociedade em que se vive não houver promoção da cultura e da criação, se não houver investimento em infra-estrutura social e apoio às atividades econômicas.

Ademais, exige-se, hoje, do candidato a emprego, sobretudo dos mais jovens, que, além da competência técnica que significa sólida educação geral com conhecimentos específicos dentro de sua carreira, assuma outros pré-requisitos como: ter uma visão generalista, ser flexível, saber trabalhar em equipe, dominar pelo menos dois idiomas, saber lidar com a tecnologia, complementar o curso universitário com cursos em outras áreas, ter vivido em outros países, para citar alguns.<sup>3</sup>

Diante dessas considerações vejamos na próxima sessão o que pensam os jovens da Universidade Federal do Ceará, instados acerca dos significados e representações trabalho.

## Representações e significados do trabalhos para jovens universitários

No plano conceitual e pessoal os jovens universitários representam o trabalho como forma de remuneração e de realização profissional, pessoal e intelectual. Na realidade, ao assim se posicionarem, eles estão projetando o desejo de obtenção de reconhecimento social e independência financeira que a carreira no futuro próximo poderá proporcionar, com a ressalva de que há uma clara percepção de ser o tempo da graduação ineficiente para garantir o sonho aqui almejado.

No imaginário juvenil, o trabalho propicia tão-somente referentes positivos como honra dignidade, utilidade, produtividade, independência, com algumas exceções. Em nenhuma das entrevistas de aprofundamento ou nos momentos de discussão coletiva se fez registro ao trabalho como sofrimento, (frustração, dor, fadiga, estresse) como loucura gerada pela mecanização do trabalho (DEJOURS,1992)ou ao estresse mental que acomete os trabalhadores inseridos nos processos automatizados, ou ainda a exaustão mental dos que são compelidos a alcançar metas em processos mais intelectualizados.

Indagados acerca da possibilidade do ser humano viver sem trabalhar, os jovens foram unânimes em responder negativamente, demonstrando de início perplexidade de tal assertiva ser colocada em cheque, haja vista

<sup>3</sup> Cf, dados retirados da REVISTA DO PROVÃO. **A universidade e o profissional do futuro.** Brasília , n. 4. 1999.

que o trabalho é parte ontológica do ser humano, incluindo aí tanto o que produz valor de uso como o que produz valores de mercado.

Avançando nesta temática, os jovens foram instigados a responder numa perspectiva projetiva sobre o lugar do trabalho em suas vidas e ainda sobre a relação lazer e trabalho.

Os jovens prevêem seu futuro próximo onde o trabalho ocupará o primeiro lugar de suas vidas, sendo seguido pela família e amigos. Os estudantes pressentem que devem se incluir nesta lógica, que não dá para ser diferente. Entendem que num contexto de muita competitividade a chegada e a consolidação do profissional no mercado de trabalho vão exigir inicialmente muitas horas de labuta, muito dispêndio de energia que eles estão dispostos a enfrentar. Os respondentes mais críticos ressaltaram que privilegiar o trabalho acaba sendo um “ter que ser”, uma imposição da qual não podem fugir, vindo a contrariar projetos pessoais.

Tais constatações vão de encontro às formulações de alguns teóricos pós modernos que advogam a tese de os jovens estarem menos presos à idéia do trabalho (GORZ, 1982), e, também, na contramão da opinião de alguns adultos entrevistados, que reiteraram a visão mais branda de trabalho dos jovens na contemporaneidade comparada a seus pais. Ou seja, “o trabalho se apresenta para os jovens de hoje com menos responsabilidades, com menos compromissos”, afirmou um executivo; “os jovens querem viver bem, mas não querem fazer do trabalho a única coisa da vida”, concluiu um empresário, ou “os jovens formados não querem trabalhar 60 horas por semana, incluindo os sábados por salários inferiores a 2 mil reais”, relatou um professor. Em outras palavras, não querem o trabalho em que eles não tenham liberdade, nem tenham autonomia.

Os universitários desejam ganhar mais do que seus pais por considerarem a “evolução natural da vida” – os pais ganharam mais do que os avós- e por almejarem uma situação socioeconômica melhor do que os pais, sobretudo quando se trata de pais com baixa escolaridade. Não descartamos a possibilidade de que tais respostas possam escamotear os apelos da sociedade de consumo para obtenção de bens materiais inacessíveis aos seus genitores.

A modernidade ao relevar o trabalho, seccionou a esfera doméstica da esfera do trabalho, o tempo e o espaço, o trabalho e o lazer. Na contemporaneidade, as promessas da diminuição da jornada de trabalho em decorrência da revolução tecnológica, têm levado autores como De Masi (2000) a enfatizarem



a “sociedade do tempo livre” em detrimento da “sociedade do trabalho”, afirmando categoricamente que “é precioso se aprender a viver o tempo livre, pois é nele que passamos a maior parte de nossas vidas”.(Idem) ou a convivência com a sociedade do tempo livre, resultante da diminuição do tempo de vida dedicado ao trabalho proporcionado pela evolução tecnológica (GORZ,1982)

Questionados os alunos sobre que seria mais importante o trabalho ou o lazer, a metade afirmou o trabalho; 40% colocaram o trabalho e o lazer no mesmo patamar. Causou-nos curiosidade a proporção elevada do posicionamento do trabalho em relação ao lazer. Ora, o segmento juvenil é o que mais tem acesso ao ócio, ao entretenimento, elemento e fonte de sua identidade (ARENDRT,op.cit) , o que nos levava a conjecturar que o lazer tivesse um acento especial na vida dos jovens.

Entre as justificativas colhidas para esse quadro encontramos os seguintes argumentos: “Quando eu penso no futuro, eu sempre penso no trabalho, sempre no meu lado profissional” (aluna da Comunicação Social). “Eu acho os dois muito importantes, mas eu gosto muito de trabalhar”(aluno de Medicina). “Trabalho será mais importante porque quero ser uma profissional reconhecida” (aluna da Ciências Sociais). “Embora o lazer me dê mais satisfação, a prioridade de minha vida atual é o trabalho” (aluno de Economia). Deparamo-nos também com os que acentuaram o aspecto pragmático e material afirmando que “sem trabalho, não pode haver lazer”.

As assertivas arroladas remetem-nos a refletir quão fortes são as promessas de futuro criadas pelos alunos e centradas no trabalho. É como se eles não pudessem mais dedicar ao lazer, que pertence a uma fase da vida que passou, porque a vida daqui para frente promete apenas trabalho (obrigação) e é pelo trabalho que vão obter reconhecimento, realização, dinheiro.

A centralidade do trabalho na projeção de vida dos jovens inquiridos respalda-se em outros argumentos identificados na pesquisa. Um deles é a busca incessante para capacitação e qualificação como meio de enfrentar um mercado de trabalho competitivo, exigente e seletivo aliado a educação formal (graduação, pós-graduação, doutorado) como único investimento capaz de propiciar entrada no aludido mercado.

Um outro aspecto relaciona-se à crença do empenho pessoal, movida pelo ideário do “esforçar-se muito e mais”. “tudo vai depender de mim”, constituindo armas expressas para inclusão no mundo do trabalho, capazes inclusive de afastar o espectro do “desemprego”, fenômeno posto pelos

entrevistados como “sendo dos outros, e não comigo”. E neste discurso o “outro” aparece como fracassado porque não tem o destemor próprio dos que sabem lutar.

Ressalvamos, outrossim, que tais pronunciamentos não nos permitem inferir ausência de “medo”, “angústia”, “impotência”, “insegurança” enunciados pelos jovens no enfrentamento do futuro profissional. O que o discurso proferido demarca curiosamente é a presença de duas idéias contraditórias: medo e superação. Ou seja, ao mesmo tempo em que paira o sentimento de apreensão, acompanha-se o desejo de não falhar, e uma projeção de que “sei que vou conseguir”.

Em relação a este último aspecto, vale também trazer para o debate o posicionamento dos adultos para os quais o desemprego atual aparece como uma preocupação muito mais forte comparada ao jovem. Os adultos também analisam as dificuldades do atual mercado de trabalho a partir de problemas de ordem conjuntural e estrutural, diferentemente dos jovens que as colocam mais no plano pessoal e individual.

## Considerações Finais

Entrar na universidade nos tempos atuais não dá certeza de inserção no mercado de trabalho, de sorte que o jovem estudante convive com as inquietudes e incertezas diante das mutações do trabalho, incidindo sobre a produção de suas subjetividades e sociabilidades. Ele vive o momento de preparação para o ingresso no mercado de trabalho e desenvolve com o emprego/trabalho uma relação de “vir a ser”, nutrindo desejos, sonhos, certezas e incertezas.

As abordagens teóricas do jovem do final do século XX e início do século XXI tendem a caracterizá-lo como apático, alienado, despolitizado, desinteressado pelo bem comum, individualista, obcecado pelo consumo, em oposição aos jovens rebeldes dos anos 60 e 70 do século XX que, cheios de utopia, transgrediram muitas das normas e valores vigentes, tornando-se protagonistas de várias transformações sociais.

A globalização liberal, o fim da sociedade salarial, o enfraquecimento do Estado de bem-estar, a diminuição relativa dos sindicatos são colocados na literatura como elementos externos decisivos para a formação de jovens alienados e desinteressados.

Os jovens abordados têm consciência, que vivem um momento cujas demandas para a inserção no mercado de trabalho são mais diversas e complexas comparadas com as gerações anteriores. Crêem, no entanto, no trabalho dentro

da carreira para o qual estão sendo formados através do emprego fixo, no âmbito mais público do que privado. Resguardam uma noção ingênua no enfrentamento do desemprego, acreditando que o investimento pessoal intenso e desesperado no processo de formação, qualificação e especialização profissional, estendendo-se para além da graduação – mestrado, doutorado, MBA, aliado a uma forte dosagem de perseverança e obstinação lhes garantirá, de alguma maneira, o diferencial para a entrada no mercado de trabalho.

Contudo, tais constatações não deixam escapar os medos, os temores, os sentimentos de angústia, de impotência e insegurança diante dos novos desafios provocados pelas metamorfoses do trabalho.

De certa forma sabem que o diploma universitário não oferece garantia de emprego, diferentemente de 20 ou 30 anos atrás, na época da geração de seus pais, quando eles mesmo afirmaram “tudo parecia ser mais fácil”.

Portanto, é somente a partir da ótica do processo desigual e competitivo do mercado de trabalho percebido pelos jovens que se pode compreender por que o trabalho parece ocupar centralidade nas suas projeções de vida de futuro próximo, o porque da grande maioria afirmar que o trabalho ocuparia o primeiro lugar em suas vidas, ainda que o lazer, embora necessário, não se sobreporia ao trabalho.

Respondendo a pergunta formulada no início deste artigo, concluímos que o jovem universitário não descarta a ética do trabalho na medida em que expressa qualificações positivas em torno do que o trabalho pode propiciar, tais como: honra, dignidade, produtividade e utilidade, sendo o eixo das respostas o desejo de inserção social, quer através da produtividade, quer através da esfera do consumo, e ainda, através do sentimento de pertencimento à categoria de trabalhadores.

O que o jovem mais deseja, segundo dados coletados, é poder realizar um trabalho relacionado com sua área de formação, embora ele não saiba precisamente que, segundo estatísticas, a percentagem de brasileiros empregados com diploma universitário não trabalhando na área em que se formaram é de 70%, segundo pesquisa divulgada pelo Jornal Nacional TV.Globo.<sup>4</sup>

O que difere este jovem, do ser jovem das gerações rebeldes, é que enquanto este nutria desejos de mudar o mundo, aquele sob o manto do individualismo e da apatia política parece pretender exclusivamente “se dar bem na vida”. Um olhar mais acurado nos resultados da pesquisa mostrou-nos, no entanto,

<sup>4</sup> Cf. informação veiculada pelo Jornal Nacional TVGLOBO e disponível no site: <<http://jornalnacional.globo.com/java/jornalismo>> Acesso em 22 de maio de 2005.

que o privilegio a si mesmo não se dá de forma isolada. O jovem abordado carrega consigo o seu grupo e o seu gueto e dá um destaque especial à família, tanto aquela a qual ele pertence quanto a que ele pretende construir. Ao grupo dos seus, ele quer dar acolhida e proteção, quer crescer com, viver e ser feliz. Os problemas do mundo, estes sim, pertencem aos outros.

Causou-nos espécie constatar que o desejo premente de se instalar profissionalmente vem com o desafio de conciliar trabalho com outros aspectos que compõem o caleidoscópio da realização humana, entre eles a família e o ciclo de amigos e identificar aí a força discursiva da palavra “estabilidade”.. Ela se faz presente no desejo de galgar a estabilidade financeira, a estabilidade no emprego fixo, notadamente via emprego público, estabilidade na família, e fidelidade aos grupos de amigos. Tais expectativas levam-nos a inferir tratar-se de expressão que se coloca no sentido contrário ao que se afirma atualmente como característico da sociedade pós-moderna: instabilidade financeira, empregos ocasionais, efemeridade afetiva e relações frágeis. Será tal constatação específica dos alunos da Universidade Federal do Ceará? Ou será a expressão de um desejo de algo que não se tem?

Tais questionamentos instigam o debate, lançando pistas e bons motivos para outros estudos e outros olhares em torno da temática juventude e mercado de trabalho .

**Key-words:** The meaning of work. Youth. Professional future.

**ABSTRACT:** This work aims to discuss the meaning and value given to work in the globalist world of intense technological changes and where fast information erodes and defines new patterns of work and jobs. The focus is on how young university students see and rate work. The first step is a look through the related literature reviewing on one side authors who foresee disastrous aspects brought about by the lack of jobs for young people and on the other side authors who are for the relaxation of working cultural standards praised by modern times and the decrease of pressure for success. The distinction between being young and being a young university student is stated in the beginning and then we start an empiric analysis on what work represents in the mind of the youth considering the following themes: work concepts, the importance of work in life projection, work and leisure, work and salary, and professional perspectives. The research carried out with young students from the Federal University of Ceará shows that they strongly desire to succeed professionally by means of a public or private job, to get financial and familiar stability and to keep fidelity to friends opposing to what is said to be the values of contemporary post modern society, that is, temporariness and lack of commitment.

## Referências

ARAGÃO, Elizabeth Fiuza. **Tempo de trabalhar:** os descaminhos de jovens universitários rumo ao mercado de trabalho. Tese de doutorado 376p. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005

- ARENDETT, Hannah. **A condição humana**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1993
- BERGUA, José Angel. De-finición y des-finitación de la juventud. Una crítica de la teoría estándar. In: **Política y Sociedad**, 32, p. 231-242. Madrid, 1999
- CASTEL, Robert. As metamorfoses do trabalho. In: FIORI, Lourenço e Noronha. **Globalização: o fato e o mito**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, [s.d].
- D' INTIGNANO, Beatrice Majnoni. **A fábrica de desempregados**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galerias e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.
- GORZ, André. **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- PAHL, Ray. *Depois do sucesso: ansiedade e identidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.
- PAHL, Ray. **Depois do sucesso: ansiedade e identidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.
- RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos**. São Paulo: Makron Books, 1996
- REVISTA DO PROVÃO. **A universidade e o profissional do futuro**. Brasília, n. 4, 1999.
- SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem. Rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna. In: SCHMITT, Jean Claude; LEVI, Giovanni (Orgs). **História dos jovens – da Antigüidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.